

Aportes brasileiros ao pensamento comunicacional latino-americano: aproximações iniciais ao conceito de jornalismo como forma de conhecimento¹

Juliana Gobbi BETTI²

Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC

RESUMO

A concepção de jornalismo como forma de conhecimento foi desenvolvida pelo sociólogo norte-americano Robert Park. Duplamente importada, nas perspectivas disciplinar e geográfica, delineou-se de maneira própria no cenário brasileiro, em particular, considerando as características do jornalismo nacional, sem deixar de estabelecer um diálogo crítico com autores forâneos. Na busca por compreender seu aporte ao pensamento comunicacional latino-americano, este artigo estabelece aproximações iniciais ao conceito, revisitando as matrizes e a evolução histórica, bem como pontuando contribuições interdisciplinares para sua construção.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Conhecimento; Pensamento Comunicacional Latino-Americano.

REVISITANDO A ORIGEM DO CONCEITO

Em seu estudo sobre a formação da Opinião Pública, Walter Lippmann afirmou que a compreensão sobre mundo não pode ser exclusivamente baseada na experiência, assim, gradualmente criamos uma imagem credível do que está além do nosso alcance (LIPPMANN, 2008, p. 40). Na concepção do autor, tal imagem não seria falsa, mas também não seria puramente real, sofrendo interferência do nosso repertório de estereótipos. Mais do que representações, as notícias que acreditamos serem verdadeiras possibilitariam a criação de um pseudoambiente, de modo que este passaria a ser entendido como o próprio ambiente.

Para o Lippmann, considerando que conhecemos o espaço em que vivemos de forma indireta, “(...) o que cada homem faz está baseado não em conhecimento direto e determinado, mas em imagens feitas por ele mesmo ou transmitidas a ele”

¹ Trabalho apresentado no GP América Latina, Mídia, Culturas e Tecnologias Digitais, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda (bolsista Capes) e Mestra em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina. Pós-Graduada em Filosofia e Direitos Humanos pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: jugobbibetti@gmail.com. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

(LIPPMANN, 2008, p. 37). Neste sentido, o autor entende as notícias como o relato do aspecto da realidade que se impôs diante de determinadas condições. Relembrando que tal destaque dos acontecimentos cotidianos pode ser uma imposição dos veículos de comunicação, por meio de uma agenda monotemática, Ernesto Pablo Juárez Meléndez (2012) cita como exemplo o caso mexicano, quando em maio de 2009 os noticiários se dedicaram à cobertura da pandemia de H1N1 no país. Além de Lippmann, o autor dialoga com o conceito de agendamento de Maxwell McCombs (2006) e de realidade construída, a partir da proposta de Robert Park de que a notícia é uma forma de conhecimento. Igualmente, Meléndez (2012, p. 20) recorre a Eduardo Meditsch (2005) para explicar que “esta forma de conhecimento tanto pode servir para reproduzir outros saberes quanto para degradá-los, e é provável que muitas vezes faça essas duas coisas simultaneamente” (MEDITSCH, 1997, p. 2).

Como visto, embora desde os anos 1920, as análises de Lippmann apresentem contribuições importantes para a compreensão do tema, foi o sociólogo Robert Park o primeiro a referenciar o jornalismo como forma de conhecimento (MEDITSCH, 2001). Em seu artigo, publicado em 1940, Park se apropria das categorias anteriormente estabelecidas por James³, reinterpretando-as para localizar a notícia em um *continuum* entre o *knowledge about*, que seria um conhecimento formal, e o *acquaintance with*, um conhecimento não sistemático, intuitivo ou senso comum (PARK, 2008a, p. 51).

Assim, a notícia é, em essência, transitória e efêmera, visto que o jornalismo trata de eventos que, por serem únicos, “(...) não podem ser classificados como acontece com as coisas, porque eles são invariavelmente fixos no tempo e localizados no espaço” (PARK, 2008a, p. 58). De tal modo que, os eventos podem ser compreendidos em forma de pequenas comunicações independentes.

Esta cobertura imediata e isolada dos acontecimentos só estabelece conexões com o passado ou com o futuro “(...) na medida em que estes projetem luz sobre o que é real e presente” (PARK, 2008a, p. 58). Tal assertiva é o que diferenciaria o Jornalismo da História. Ainda, de acordo com Park, o jornalismo “(...) tem feito com que qualquer um, mesmo nas partes mais distantes do mundo, possa participar dos eventos – pelo menos como ouvinte, senão espectador – enquanto esses acontecem em alguma outra parte do mundo” (PARK, 2008a, p. 69).

³ JAMES, William. **The principles of psychology**. New York: Henry Holt & Co., 1896. William James (1842-1910) é considerado um dos pais do pragmatismo. Formou-se em Medicina em Harvard foi professor de psicologia em diversas instituições. Dedicou-se também aos estudos da Filosofia e da Religião.

Park afirma que “(...) a notícia desempenha as mesmas funções para o público que a percepção desempenha para o indivíduo; isto é, não apenas informa, mas orienta o público, dando a todos a notícia do que está acontecendo” (PARK, 2008b, p. 60). Neste ponto, sua percepção converge com as observações de Lippmann (bem como dos intelectuais brasileiros Rui Barbosa e Barbosa Lima Sobrinho, como veremos mais adiante). Para Lippmann, a imprensa “é como um raio de holofote que se move sem descanso, trazendo um episódio e depois o outro fora da escuridão à visão”, revelando, assim, um cenário inteligível que auxilia a organização social (LIPPMANN, 2008, p. 308).

Olhares interdisciplinares

De acordo com Gislene Silva,

[...] pode-se dizer que, mesmo de modo esparso, tem sido construída uma história que conta a investigação do jornalismo como produtor de conhecimentos. Várias são as conceituações que sugerem o jornalismo ou a mídia em geral como um lugar de: conhecimento comum, rede informacional na construção social da realidade, conhecimento compartilhado, consensos em construção, saber de acontecimento, senso em comum, acervo social de conhecimento, vetor de interesses comuns, agente institucionalizador da sociedade como realidade objetiva, mediação cultural da vida cotidiana, elemento constituinte da esfera pública etc. (2005, p. 96)

Diante desta multiplicidade destacamos a linha desenvolvida por Teun van Dijk. Considerando as rotinas produtivas, o autor acredita que os jornalistas possuem um conhecimento prévio do mundo e habitualmente sabem mais sobre os fatos e seus agentes do que aquilo que demonstram na composição de seus textos (2005, p. 14). Na visão do autor, tal conhecimento contribui para que os profissionais possam selecionar os acontecimentos a serem noticiados e, a partir daí, quais informações esses eventos serão ou não divulgadas.

Interessado nas dimensões socioculturais do uso da linguagem Van Dijk (2005) revisa as teorias que relacionam o conhecimento e o discurso em áreas como a Sociologia, Psicologia, Antropologia e a Inteligência Artificial para analisar o papel e as

manifestações do conhecimento na produção e na compreensão das notícias, concluindo que

[...] em todos os níveis de produção e compreensão da notícia, existe um dinâmico e complexo processo de controle de estruturas variáveis, que é uma função dos vários tipos de conhecimento dos participantes, incluindo o conhecimento de uns sobre o conhecimento dos outros (VAN DIJK, 2005, p.27).

Analisando a outra ponta do processo, o autor ressalta a existência de conhecimento prévio como fator inerente à nossa capacidade de compreensão da informação, e por consequência da formulação de novos conhecimentos. Discutindo o papel do conhecimento na produção e na compreensão das notícias, as análises de Van Dijk (1980) explicitam a preocupação com elementos específicos do jornalismo. Relacionando o conhecimento expresso e o pressuposto, o autor avalia que a novidade da informação está contida apenas em uma pequena parte da notícia, no início, utilizando a figura de um iceberg para ilustrar sua afirmação (VAN DIJK, 1980).

Contribuições brasileiras

Em 1920, Rui Barbosa declarou que "a imprensa é a vista da Nação. Por ela é que a Nação acompanha o que lhe passa ao perto e ao longe" (2004, p. 32). O autor defendia que um país cuja imprensa é "degenerada ou degenerescente é, portanto, um país cego e um país miasmado, um país de idéias falsas e sentimentos pervertidos, um país que, explorado na sua consciência, não poderá lutar com os vícios, que lhe exploram as instituições" (2004, p. 34). O pensamento, registrado no texto *A imprensa e o dever da verdade*, originalmente escrito para uma conferência, objetivava discutir as questões éticas da profissão, em especial as que tangenciavam as relações estabelecidas com o poder público no contexto ainda inicial de consolidação do regime republicano. No entanto, ao ressaltar o compromisso do jornalista com a verdade, as análises do autor igualmente registraram de forma mais ampla a sua percepção sobre o papel do jornalismo ao noticiar os acontecimentos políticos e sociais. Compreendendo que, entre os povos livres, a imprensa exerce uma função tão vital para a sociedade quanto a respiração para o nosso organismo, Barbosa atribuía ao jornalismo uma responsabilidade que ia além do informar, do dar visibilidade.

Pouco depois, na mesma direção seguiram as contribuições de Barbosa Lima Sobrinho. Em *O problema da imprensa*, publicado em 1923, o autor analisou o desenvolvimento histórico e ressaltou seu papel do jornalismo nas democracias modernas, argumentando a favor de uma legislação que pudesse regulamentá-lo resguardando sua liberdade. Lima Sobrinho entendia que "a imprensa ensina, educa, dirige, inspira" e que "por seu intermédio é que se forma e se manifesta a opinião pública, essa divindade que dirige as nações" (1997, p. 26). De acordo com José Marques de Melo (2010, p. 22), embora seu foco estivesse direcionado para a realidade nacional, o autor empreendeu um dos mais consistentes exercícios de reflexão crítica sobre a emergente indústria midiática latino-americana, de modo que suas observações poderiam se aplicar a quaisquer outros países da região, salvaguardada a necessidade de ajustes aos respectivos cenários sócio-culturais.

Vanguardistas do pensamento jornalístico brasileiro (MARQUES DE MELO, 2007, p. 23), Rui Barbosa e Barbosa Lima Sobrinho se preocupavam com a influência do jornalismo na organização das sociedades, seus efeitos e potencialidades. De maneira complementar, embora pouco explorada nas duas obras, ambos forneceram indícios de que a informação jornalística possibilitava uma forma de compreensão da realidade.

Ao longo das décadas, tal reconhecimento avançou, permeando diversos estudos e permitindo aprofundar e complexificar as relações até então estabelecidas sobre prática. Assim, a compreensão da sociologia norte-americana do jornalismo como forma de conhecimento encontrou terreno fértil no pensamento brasileiro, em especial, a partir da década de 1980.

Foi considerando forma e conteúdo que a abordagem de Adelmo Genro Filho (1987) propôs reconhecer que, embora a notícia se configure na singularidade do fato, o jornalismo só pode se consolidar como forma social de conhecimento a partir de sua significação. Para exemplificar como as categorias coexistem na estruturação e, posteriormente, no entendimento das notícias, Genro Filho propõe analisarmos o caso de uma greve na região da Grande São Paulo.

Ao ser transformada em notícia, em primeiro plano e explicitamente, serão considerados aqueles fatos mais específicos e determinados do movimento, ou seja, os aspectos mais singulares. (...) Mas a notícia da greve terá que ser elaborada como pertinente a um contexto político particular, levando em conta a identidade de significado com outras

greves ou fenômenos sociais relevantes. (...) Nesse sentido, a particularidade do fato – embora subordinada formalmente ao singular, pois é ele quem dá vida à notícia – estará relativamente explicitada. No entanto, a universalidade desse fato político, em que pese não seja explicitada, estará necessariamente presente enquanto conteúdo. Ou seja, como pressuposto que organizou a apreensão do fenômeno e como significado mais geral da notícia, teremos uma determinada concepção sobre a sociedade, sobre a luta de classes e a história (GENRO FILHO, 1987, p.163).

Embora possuam premissas teóricas e objetivos diferentes, Van Dijk e Genro Filho chegam a conclusões semelhantes sobre a estrutura dos conhecimentos contidos na informação, ambos associam figuras geométricas - cone e pirâmide, respectivamente - para afirmar que a novidade ou singularidade da informação está amparada por uma base de diferentes níveis e tipos de conhecimentos prévios.

No entanto, ambos baseiam suas análises no jornalismo impresso. Quando consideramos as especificidades das linguagens em distintos meios de comunicação, observamos que esta estrutura conta com diferentes recursos auxiliares. Estes, afetam a compreensão das mensagens a medida que podem complementá-la, e mais do que isso, podem determinar seus padrões de apresentação e formas de recepção.

Direcionando sua atenção à linguagem radiofônica, Eduardo Meditsch acrescenta que a compreensão de um enunciado é um processo estratégico e dinâmico, indissociável dos componentes inconscientes e emocionais. De acordo com o autor, a simultaneidade do discurso sonoro torna mais evidente esse dinamismo, pois “(...) o cérebro do ouvinte não aguarda até o final do enunciado para, reproduzida mentalmente a estrutura do discurso, aí sim processá-lo e compreendê-lo como um todo” (MEDITSCH, 2003, p. 10). Esta constatação o leva ao mesmo apontamento que identificamos anteriormente: o conteúdo e a forma são fatores que influenciam no processamento desta informação e, por conseguinte, na percepção do público, nesse caso, ouvinte.

Amparando-se no estudo de Berger & Luckmann (1966), Meditsch expõe sua crença na existência de diversos tipos de conhecimento que são distribuídos socialmente em termos quantitativos e qualitativos. O autor conclui que “(...) cada campo do conhecimento é compartilhado por um auditório específico”, o que contribui para diferenciar o modo de conhecimento do jornalismo (MEDITSCH, 1997, p. 7).

Influenciado pelo viés pedagógico de Paulo Freire, Meditsch afirma que o saber deve ser re-conhecido por quem o recebe, em um processo que exige a re-produção do conhecimento e não somente sua transmissão. Para o autor,

[...] é o fato de operar no campo lógico da realidade dominante que assegura ao modo de conhecimento do jornalismo tanto sua fragilidade quanto sua força enquanto argumentação. É frágil, enquanto método analítico demonstrativo, uma vez que não pode se descolar de noções pré-teóricas para representar a realidade. É forte na medida em que estas mesmas noções pré-teóricas orientam o princípio de realidade de seu público, nele incluídos cientistas e filósofos quando retornam à vida cotidiana vindos de seus campos finitos de significação (MEDITSCH, 1997, p.7).

Portanto, “(...) enquanto a Ciência se torna um modo de conhecimento do mundo inexplicável, o Jornalismo se torna um modo de conhecimento do mundo sensível. Cada um vai ter a sua forma própria de refletir e, inevitavelmente, de refratar a realidade” (MEDITSCH, 1992, p. 56). Desta forma, a partir da abordagem do autor, podemos afirmar que o jornalismo é uma forma de conhecer e de reconhecer a realidade, ainda que impulsionada pela revelação episódica da novidade amparada na singularidade dos acontecimentos (MEDITSCH, 1997).

Algumas considerações

Se, em 1922, Lippmann ambientava suas reflexões em um período de restrição de acesso à informação, nas décadas finais do mesmo século XX, Michael Schudson já considerava um cenário bem diferente ao discutir as possíveis implicações de um mundo no qual a informação fosse diretamente entregue aos cidadãos, sem a mediação do jornalismo. Para o autor, “(...) o jornalismo – ou alguma espécie dele – seria reinventado” (SCHUDSON, 1996, p. 1). Neste ponto, o potencial orientador do jornalismo na sociedade é novamente evocado, pois, como explica Meditsch (1997, p. 3), “(...) o jornalismo não apenas reproduz o conhecimento que ele próprio produz, reproduz também o conhecimento produzido por outras instituições sociais”.

Retomando a análise de Schudson (1996, p. 15), observamos que o autor propõe que a notícia deve ser reconhecida como um produto da cultura. Apontando a complexidade das relações estabelecidas com a sociedade e seus sistemas (políticos,

econômicos, geográficos etc.), Schudson afirma que as práticas sociais e as convenções do jornalismo emergem historicamente, não podendo ser isoladas do contexto em que estão inseridas. Desta forma, de acordo com o autor, elas estariam ao mesmo tempo refletindo, incorporando e reforçando tanto suas próprias estruturas e valores quanto os do mundo que supõe noticiar.

Novamente, também Meditsch segue essa linha ao afirmar que, “(...) como produto social, o Jornalismo reproduz a sociedade em que está inserido, suas desigualdades e suas contradições” (MEDITSCH, 1997, p.11). Em tempos em que a relevância do jornalismo vem sendo constantemente posta a prova, relembramos que o conhecimento produzido pela informação jornalística pode contribuir para a transformação da realidade social, pois, como salienta Jorge Pedro Sousa,

[...] de alguma forma, as notícias, entre múltiplas outras funções, participam na definição de uma noção partilhada do que é atual e importante e do que não o é, proporcionam pontos de vista sobre a realidade, possibilitam gratificações pelo seu consumo, podem gerar conhecimento e também sugerir, direta ou indiretamente, respostas para os problemas que quotidianamente os cidadãos enfrentam. As notícias, ao surgirem no tecido social por ação dos meios jornalísticos, participam na realidade social existente, configuram referentes coletivos e geram determinados processos modificadores dessa mesma realidade (SOUSA, 2002, p. 119).

Como vimos, o conhecimento produzido pelo jornalismo se diferencia da ciência e do senso comum. Aparentemente fragmentado na singularidade dos fatos cotidianos não deixa de estabelecer relações complexas com outros saberes particulares e universais. De modo que, podemos considerar seu potencial enquanto elemento de influência direta na formação da opinião pública, especialmente no sentido de mobilizar a comunidade para ação política (PARK, 2008b, p. 71).

Referências Bibliográficas

BARBOSA, Rui. **A Imprensa e o Dever da Verdade**. São Paulo: Editora Papagaio, 2004.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide: para uma teoria marxista do jornalismo**. Porto Alegre: Tchê, 1987.

JUÁREZ MELÉNDEZ, Ernesto Pablo El periodismo: una mirada desde la sociología de las noticias Nóesis. **Revista de Ciencias Sociales y Humanidades**, vol. 21, núm. 42, 2012, pp. 239-265

LIPPMANN, Walter. **Opinião Pública**. Petrópolis: Vozes, 2008

MARQUES DE MELO, José. **Comunicación multicultural en Iberoamérica**. Historia contextual y teoría comparada. São Paulo: Intercom, 2010

MARQUES DE MELO, José. Pensamento jornalístico: a moderna tradição brasileira. **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, 30, set. 2007. p.17. Disponível em: <<http://200.144.189.84/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/97/90>> . Acesso em: 15 jan 2017.

MEDITSCH, Eduardo. A compreensão da mensagem no radiojornalismo: uma abordagem cognitiva. In: **Anais do XXVI Congresso Brasileiro dos Pesquisadores da Comunicação**, 2003. São Paulo: Intercom, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. Journalism as a Form of Knowledge: a Qualitative Approach. **Brazilian Journalism Research**, volume 1, number 2, semester 2, Brasilia, Brazil, 2005.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed.UFSC, 1992.

MEDITSCH, Eduardo. **O jornalismo é uma forma de conhecimento?** Palestra realizada nos cursos da Arrábida – Universidade de Verão, 1997. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.pdf>. Acesso 01 de fev. 2009.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 2001.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo dentro da sociologia do conhecimento. IN: BERGER, Christa e MARROCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa** Vol. 2 Porto Alegre: Ed. Sulina, 2008a. pp. 51-70

PARK, Robert. Notícia e poder da imprensa. IN: BERGER, Christa e MARROCO, Beatriz (org.). **A era glacial do jornalismo: teorias sociais da imprensa** Vol. 2 Porto Alegre: Ed. Sulina, 2008b. pp. 71-82

SCHUDSON, Michael. **The power of news**. Cambridge: Harvard University Press, 1996.

SILVA, Gislene. Jornalismo e construção de sentido: pequeno inventário. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, vol.II, n.2. 2º semestre de 2015. Florianópolis: Insular, 2005.

SOBRINHO, Barbosa Lima. **O problema da imprensa**. São Paulo: Edusp/Com-Arte, 1997.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da Notícia e do Jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

VAN DIJK, Teun. Notícias e Conhecimento. **Estudos de Jornalismo e Mídia**, vol.2, n.2., set/2005. Florianópolis: Insular, 2005.